

A CAUSA DO SONO LÚCIDO
OU ESTUDO DA NATUREZA DO HOMEM

© 2018 – Conhecimento Editorial Ltda

A Causa do Sono Lúcido ou Estudo da Natureza do Homem

ABADE FARIA

Todos os direitos desta edição reservados à
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA.
Rua Prof. Paulo Chaves, 276 – V. Teixeira Marques
CEP 13485-150 — Limeira — SP
Fone/Fax: 19 3451-5440
www.edconhecimento.com.br
vendas@edconhecimento.com.br

Nos termos da lei que resguarda os direitos autorais, é proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio — eletrônico ou mecânico, inclusive por processos xerográficos, de fotocópia e de gravação — sem permissão por escrito do editor.

Tradução: Maria Alice Farah Antônio
Projeto gráfico: Sérgio Carvalho
Ilustração da capa: Banco de imagens

ISBN 978-85-7618-461-4
1ª Edição – 2018

• Impresso no Brasil • Presita en Brazilo

Produzido no departamento gráfico da
Conhecimento Editorial Ltda
grafica@edconhecimento.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Faria, Abade, 1756-1819

A causa do sono lúcido ou estudo da natureza do homem / Abade Faria ; tradução de Maria Alice Farah Antônio – Limeira, SP : Editora do Conhecimento, 2018.
304 p. (Magnetismo, a força da vida)

ISBN 978-85-7618-461-4

Título original: *De la cause du sommeil lucide, ou Étude de la nature de l'homme*

1. Hipnose 2. Magnetismo 3. Sugestão (Psicologia) I. Título II Antônio, Maria Alice Farah
18-1896 CDD – 154.7

Índices para catálogo sistemático:

1. Hipnose

Abade FARIA

A CAUSA DO SONO LÚCIDO
OU ESTUDO DA NATUREZA DO HOMEM

Tradução
Maria Alice Farah Antonio



A CAUSA DO SONO LÚCIDO
ou
ESTUDO DA NATUREZA DO HOMEM

Abade FARIA

Brâmane, Doutor em Teologia e em Filosofia, Membro da Sociedade Médica de Marselha, Ex-professor de Filosofia da Universidade da França etc.

Conhece-te a ti mesmo.

REIMPRESSÃO DA EDIÇÃO DE 1819
PREFÁCIO E INTRODUÇÃO
do DR. D. G. DALGADO
da Academia Real de Ciências de Lisboa

A doutrina do abade Faria era verdadeira.

Prof. Bernheim

O futuro reservava ao abade Faria uma revanche espetacular:

Dr. Gilles de la Tourette

PARIS
HENRI JOUVE, EDITOR
15, RUE RACINE
1906

Sumário

Prefácio	7
Introdução	9
I. Faria e o hipnotismo	9
1. Causa	10
2. Procedimentos	15
3. Sintomas	20
4. Natureza	22
5. Teoria	24
II. Faria e a sugestão	25
1. Sugestões intra-hipnóticas	27
2. Sugestões pós-hipnóticas	30
3. Sugestões no estado de vigília	32
4. Autossugestões	33
5. Sugestões terapêuticas	33
6. Algumas outras opiniões e observações encontradas na obra de Faria	37
III – Opiniões dos autores modernos sobre a doutrina de Faria – Resumo e observações finais	39
Epístola – Ao Senhor Marquês de Chastenet de Puysegur	47
Primeira sessão – Prefácio	48
Segunda sessão – Introdução	67
Terceira sessão – Continuação da precedente	86
Quarta sessão – Continuação e fim das duas precedentes	104

Quinta sessão – Divisão do plano.....	122
Sexta sessão – Diferentes procedimentos empregados em todas as épocas para aliviar os enfermos e para fazer adormecer	139
Sétima sessão – Principais fenômenos que os procedimentos externos desenvolvem.....	157
Oitava sessão – Das duas principais fontes de onde decorrem os fenômenos do sono lúcido.....	175
Nona sessão – Sobre a natureza individual do homem e sobre os diferentes motivos que determinam a alma a agir	193
Décima sessão – A intuição dos eoptas.....	211
Décima primeira sessão – A lucidez dos eoptas	231
Décima segunda sessão – Sobre a incompatibilidade da imaginação com a intuição dos eoptas.....	249
Décima terceira sessão – Sobre o absurdo da ação de uma vontade externa na provocação do sono lúcido.....	267
Décima quarta sessão – Sobre a futilidade da suposição de um fluido magnético	285

Prefácio

No mundo médico e científico, sobretudo na França, o abade Faria é conhecido como aquele que marcou o fim da era do magnetismo animal e das árvores magnetizadas e o início da era do sono lúcido ou do hipnotismo, que constitui um ramo muito interessante da ciência de fisiologia e de psicofisiologia, com aplicações práticas, especialmente em terapêutica e em pediatria. Seu livro *A Causa do Sono Lúcido*, publicado em 1819, ao qual ele deve sua reputação científica, desapareceu de circulação por muito tempo, e há autores, mesmo os mais autorizados, que dele nada conhecem a não ser alguns excertos citados em outras obras. Parece-me, entretanto, que o reaparecimento deste livro seria de grande interesse para os que se dedicam ao estudo do hipnotismo, e cujo número cresce diariamente.

É supérfluo dizer que a obra de Faria encerra imperfeições, tanto em suas observações como em suas explicações; mas, como ela contém uma doutrina que forma a base de uma das novas ciências do século passado, o interesse que ela apresenta ainda será mantido por longo tempo.

Na introdução, tentei apresentar as ideias e as observações de Faria de forma concisa e, tanto quanto possível, com as mesmas expressões do autor. Dividi-a em três partes: I. O abade Faria e o hipnotismo; II. O abade Faria e a sugestão; III. As opiniões de alguns dos mais autorizados autores sobre sua doutrina. O próprio Faria intencionava, como diz no plano de

sua obra completa, que devia ter quatro volumes, para consagrar uma das suas seções ou capítulos “a uma recapitulação de tudo o que diz respeito à causa do sono lúcido e de seus acessórios... para colocar sob uma única perspectiva tudo o que está esparso aqui e ali e que pode parecer não se ligar”.^[1]

A vida de Faria apresenta dois elementos bem distintos, que não podemos misturar sem diminuir o valor de cada um deles: o *elemento* filosófico e o *elemento* romanesco. Separei-os e estudei-os em dois volumes inteiramente independentes: este volume apresenta suas ideias científicas, e consagro outro^[2] aos pormenores de sua vida romanesca.

D. G. Dalgado

[1] O número entre parêntesis, no texto, precedido de p. indica a página do livro *De la cause du sommeil lucide*.

[2] *Mémoire sur la vie de l'abbé Faria* [Memória sobre a vida do abade Faria]; explicação da encantadora lenda do castelo de If, no romance *Monte-Cristo*, acrescida de documentos históricos e literários, com reprodução de duas estampas.

Introdução

A doutrina da sugestão e suas inúmeras aplicações constituem uma das grandes conquistas científicas do século.

Professor BERNHEIM

O hipnotismo é um método terapêutico de importância extraordinária.

Professor WUNDT

I. Faria e o hipnotismo

Faria é o único e verdadeiro fundador da doutrina moderna da sugestão em hipnotismo.

Para bem assimilar suas ideias é preciso compará-las com as dos seus contemporâneos:^[1] nós faremos tal comparação sobre cinco pontos: 1. sobre a causa do sono lúcido; 2. sobre os procedimentos empregados para provocá-la; 3. sobre seus sintomas; 4. sobre sua natureza e, 5. sobre a teoria que explica seus diversos fenômenos.

[1] Os contemporâneos mais notáveis de Faria, 1756-1819, são: Mesmer, Puy-ségur e Deleuze. MESMER, 1733-1815, doutor em medicina da Universidade de Viena, fundador do mesmerismo e autor de *Mémoire sur la découverte du Magnétisme animal* [*Memória sobre a descoberta do magnetismo animal*], Genebra e Paris, 1779.

1. Causa

Em 1813, quando Faria começou suas conferências públicas em Paris, o magnetismo animal estava sob a influência de Mesmer. Segundo sua teoria, que tomou emprestada de Paracelso, existe um fluido universalmente irradiado, e é nesse fluido que reside a harmonia da saúde. O magnetismo animal é “a propriedade do corpo que o torna suscetível à influência celeste e à ação recíproca daqueles que o cercam, manifestada por sua analogia com o ímã”.^[2] A ação e a virtude do magnetismo podem ser comunicadas por esses corpos animados a outros corpos animados ou inanimados, e com esse fluido pode-se provocar e dirigir as crises salutares, e curar imediatamente as doenças dos nervos, e imediatamente as outras.

A Comissão Real, encarregada de examinar o sistema de Mesmer, atribui os fenômenos do magnetismo animal à imaginação; e Laurent de Jussieu, sobrinho do ilustre Bernard de Jussieu, o único membro dissidente, pensa que se pode explicar alguns desses fenômenos pelo “calor animal”.

Puységur, o mais renomado discípulo de Mesmer, considera que seu “eletromagnetismo” e o “magnetismo animal” de Mesmer são semelhantes à *eletricidade animal* de Pétetin. “A única ideia, diz ele, quase palpável que tivemos do movimento desse fluido até o presente é a que a eletricidade nos deu”. Esse fluido existe em todos os indivíduos, mas só é secretado e emanado segundo a vontade daquele que quer com ele impregnar, por assim dizer, outro indivíduo. A base do seu sistema é: *acreditai e querei*.

Todos os magnetizadores daquela época (1819), estavam divididos em dois grupos principais: a grande maioria consistia de *fluidistas*, como Mesmer e seus discípulos, e a minoria, de *espiritualistas*, como Barbarin e seus discípulos. Estes consideravam “o magnetismo animal como uma manifestação do poder da alma sobre a matéria, em consequência do que eles acham inútil tocar os enfermos, pois o pensamento fortemente dirigido para eles devia bastar”^[3]

Faria não admite a teoria de nenhum dos seus contemporâneos. Diz ele:

[2] MESMER, *op. Cit.*, p. 77.

[3] PUYSEGUR, *op. cit. Du magnétisme animal*, 2ª ed., p. 133.

Não posso conceber como a espécie humana tenha sido tão bizarra para ir procurar a causa desse fenômeno em uma tina, em uma vontade externa, em um fluido magnético, em um calor animal e em mil outras extravagâncias ridículas desse gênero.

Não há nada que possa justificar a denominação de magnetismo animal, para significar “a ação de adormecer”. Ele muda, assim, as palavras magnetismo animal, magnetizadores e magnetizados para *concentração, concentradores e concentrados*, e também, sonâmbulo e sonambulismo para *epopta*^[4] e *sono lúcido*, para afastar a ideia do fluido magnético no hipnotismo.

Ele consagra a sessão XII ao exame da opinião dos que atribuem os fenômenos do magnetismo à imaginação, doutrina que ele condena como uma “extravagância”^[5]: insiste, sobre esse ponto, que é guardada a lembrança de tudo o que se imagina; mas após o sono lúcido, sobretudo quando ele é profundo, não é guardada a lembrança de todos os fenômenos nessa condição, portanto, eles não podem ser devidos à imaginação. “A memória pode existir sem a imaginação, mas nunca a imaginação sem a memória”; e um pouco adiante, após ter feito a observação que a imaginação é uma faculdade comum a todos os homens, ele pergunta “por que todos os homens não estão aptos a desenvolver os fenômenos do sono lúcido”. “Não é mais difícil, diz ele, sentir que o domínio da imaginação se limita apenas às ideias conhecidas; e que, conseqüentemente, ela não pode agir sobre o espírito. Assim, todas as vezes que os sentidos e o corpo sentem efeitos reais não ligados a qualquer causa conhecida, é sempre certo e demonstrado que esses resultados *provêm de qualquer outra fonte que não seja a imaginação*”. Para ele, o desenvolvimento dos fenômenos do sono lúcido liga-se “sempre às causas naturais, mas, com mais frequência, mais intelectuais do que sensíveis”.

Na sessão XIII, ele se pergunta se a vontade externa pode ser a causa do sono lúcido, e responde:

[4] N. T. – Termo usado pelo abade para designar as pessoas hipnotizáveis.

[5] BROWN-SEQUARD e alguns outros autores atribuíram a Faria a opinião de que a imaginação é a causa dos fenômenos do sonambulismo.

O que há de mais decisivo contra os partidários dessa vontade externa é que a experiência demonstra que os eoptas ou sonâmbulos são adormecidos com a vontade, sem a vontade e até com uma vontade contrária.

E, finalmente, na sessão XIV, ele discute se existe um fluido magnético e, depois de ter examinado todos os argumentos de Mesmer e de seus discípulos, ele termina seu volume com estas palavras:

Penso que já está claro que a suposição de um fluido magnético é inteiramente absurda, seja por ser considerada em sua natureza, seja por ser considerada em sua aplicação, seja, enfim, por ser considerada em seus resultados.

Para Faria: a) O concentrador ou hipnotizador não tem importância, ele não precisa de nenhum poder especial para si mesmo; o concentrado ou o *hipnotizado é o único agente ativo*: “Os eoptas não são feitos quando queremos, mas apenas quando encontramos indivíduos que já são eoptas naturais”. Para demonstrar que o concentrador só importa como causa ocasional, ele diz: “Mostrava em minhas sessões até crianças que adormeciam pessoas adultas com a simples apresentação da mão”^[6]. Segundo Faria, todos os fenômenos do sono lúcido são devidos a causas *naturais*, eles operam no espírito do indivíduo hipnotizado sem nenhuma influência divina ou maligna:

Nada do que desenvolve o sono lúcido sai da circunscrição da natureza; e “faremos ver que não há nada que ultrapassa os limites da razão humana, e que aí tudo é concebível, por pouco que o homem queira entregar-se de boa-fé à procura da verdade”.

b) Faria “desafia todos os magnetizadores do universo a adormecer alguém que não possua as disposições requeridas ou *causas predisponentes*: “A liquidez do sangue” e a impressionabilidade psíquica.

Segundo Noizet, ele dava grande importância às seguin-

[6] Braid confirmou essa experiência vinte e quatro anos após a morte de Faria.

tes observações:

Todas pessoas cujo sono é fácil, que transpiram muito e que são muito impressionáveis, são ordinariamente suscetíveis ao sonambulismo. Outro caráter, que parece comum a todos sonâmbulos, é um batimento rápido e contínuo nas pálpebras quando os olhos estão ligeiramente fechados.^[7]

Confirmando sua ideia sobre a liquidez do sangue, Faria observa:

A experiência fez-me ver que a extração de certa dose desse fluido tornava epoptas em vinte e quatro horas os que anteriormente não tinham qualquer predisposição”, e que “a liquidez do sangue contribui não apenas à profundidade do sono, mas também à sua rapidez.

Dessas observações resulta que as pessoas que mostram mais suscetibilidade ao hipnotismo são as anêmicas e as hísticas, ou aquelas que são mais facilmente impressionáveis. É exatamente a opinião de todos os observadores modernos.

Faria vivia em uma época em que predominavam as teorias dos humores e das simpatias em medicina; não eram bem conhecidas nem as funções do sistema nervoso nem as doenças nervosas,^[8] e não devemos nos surpreender que Faria tenha dado grande importância ao que denominava “a liquidez do sangue”. Profissionalmente, ele não era nem patologista nem fisiólogo. Seguindo o exemplo dos médicos daquela época, que acreditavam nas simpatias do coração, do fígado, do baço e de diversos outros órgãos, Faria pensa que o sangue é mais ou menos espesso em certos órgãos, “embora o sangue, que circula nas artérias tenha constante e invariavelmente a mesma densidade” e que “a maioria e a minoria de sua massa só tenham relação com aquele que se encontra fora da circu-

[7] *Mémoire sur le Somnambulisme et le Magnétisme animal* [Memória sobre o Sonambulismo e o Magnetismo Animal], endereçada em 1820 à Academia Real de Berlim, e publicada em 1854 pelo general Noizet. Como Faria não pôde completar sua obra, teremos a oportunidade de citar muitas vezes essa “Memória”, na qual seu autor, com uma rara probidade literária, atribui a Faria todas as ideias que dele obtinha.

[8] Para compreender a situação da ciência sobre essas duas matérias, pode-se consultar *De la Physiologie du Système Nerveux et Maladies Nerveuses* [Sobre a Fisiologia do Sistema Nervoso e Doenças Nervosas] de Georget, 2 vols., Paris, 1821.

lação periódica”. Ele havia observado os sintomas da anemia na maioria de seus sonâmbulos; considerava seu sangue mais fluido do que o dos indivíduos robustos. Ele não estava tão longe da verdade como parece à primeira vista; apenas não devemos tomá-lo ao “pé da letra”, como diz o doutor Gilles de la Tourette. Sobre a condição mental do paciente hipnotizável, ele estava certo.

As mulheres são mais facilmente hipnotizáveis que os homens e o hipnotismo se produz mais rapidamente nos pacientes que foram hipnotizados com mais frequência, ou mesmo nos que assistiram às experiências de hipnotismo. Faria admitia “a educação e a mobilização dos epoptas”. “A experiência demonstra que a confiança que regula a facilidade desse exercício, em geral, não se estabelece senão pelo sono; e quanto mais ela se consolida pela repetição dos atos, mais ela torna usual o gozo de suas faculdades”

c) A *causa imediata* do sono lúcido e do sono comum, que são, segundo Faria, da mesma natureza, existe na *concentração dos sentidos* da pessoa hipnotizada ou, para ser hipnotizado, por sugestão, é preciso recolhimento mental e calma física. “Não se adormece enquanto o espírito está ocupado, seja pela agitação do sangue, seja por inquietações ou preocupações”.

Não faltam autores que compartilham a opinião de Faria. Liébault, um dos mais notáveis fundadores de Escola de Nancy, considera que a causa do sono hipnótico “reside na retirada da atenção para fora dos sentidos, e seu acúmulo no cérebro sobre uma ideia, que é seu elemento principal”.^[9] Preyer, um notável professor de fisiologia na Universidade de Jena, considera “a concentração da atenção”^[10] a condição essencial da produção da hipnose.

O doutor Crocq^[11] submeteu a vários autores esta questão: Qual é a causa do sono hipnótico? Quinze deles lhe responderam, e entre as respostas mais ou menos favoráveis à

[9] *Du sommeil e des états analogues [Sobre o sono e estados análogos]*, Paris-Nancy, 1866, p. 18.

[10] *Die Entdeckung des Hypnotismus [A Descoberta do Hipnotismo]*, Berlim, 1881, p. 5.

[11] *L'hypnotisme scientifique [O Hipnotismo Científico]*, 2ª ed., Paris, 1901, p. 23.

ideia de Faria podemos citar as seguintes:

Dumontpallier (de Paris), causa determinante: atenção e vontade;

De Jong (de Haia), a causa é a convicção do sono;

Ochorowicz (de Varsóvia): as causas são múltiplas, mas a autossugestão é a principal;

Para Lajoie (de Nasbua-New-Hampshire) o sono hipnótico é devido ao comando ou à perseverança seguida da ideia do sono, ou não tem qualquer causa aparente.

A maioria dos autores atribui os fenômenos do hipnotismo à inibição,^[12] mas nem tal causa nem a do automatismo psicológico explicam *todos* os fenômenos do hipnotismo, tanto nos homens como nos animais.

d) A sugestão, ou “a ordem dos concentradores” não é, pois, segundo Faria, senão uma *causa ocasional* e não eficiente; ou seja, “uma causa que induz a causa real e precisa a se pôr em ação para produzir o efeito que lhe é próprio e natural, mas que lhe é insuficiente para produzi-lo por si só”. Ela forma, somente, a base ocasional de todos os procedimentos empregados para provocar o sono lúcido, e de todos os fenômenos observados durante essa condição. A concentração ocasional, ou o sono lúcido provocado “é uma abstração dos sentidos provocada ao sabor e à vontade, com a restrição da liberdade interna, mas em razão de um motivo fornecido por uma influência externa”, ou seja, pela sugestão.

2. Procedimentos

Mesmer magnetizava seus enfermos ou diretamente por *passes*, ou indiretamente, seja por seu *valet-toucheur*,^[13] seja por sua tina e suas varinhas, seja, finalmente, por uma árvore que havia magnetizado no Boulevard Saint-Martin.^[14] A base do seu sistema, que podemos denominar *físico*, consiste na comunicação do fluido magnético às pessoas que não o possuem. É o magnetizador que dispensa esse fluido, da mesma

[12] Vide R. HEIDENHEIN, *Der sogenante thierische Magnetismus, physiologische Beobachtungen*, Leipzig, 1880.

[13] N. T. – Auxiliar de Mesmer que magnetizava em seu lugar.

[14] Relativamente aos procedimentos de Mesmer, podemos consultar o artigo *Mesmérisme*, de DECHAMBRE, no *Dictionnaire encyclopédique des Sciences Médicales*, 2ª série, t. VII, Paris, 1873.

maneira que o farmacêutico faz com os medicamentos. É evidente que o próprio Mesmer é esse grande dispensador.

Puységur havia abandonado a tina e as varinhas do seu mestre, mas tinha inteira confiança nos passes e nas árvores magnetizadas, às quais acrescentava um novo elemento: a vontade externa. Após sua descoberta do sonambulismo provocado, como a afluência dos enfermos era enorme, ele magnetizava, em 1784 um velho olmo em sua terra de Buzancy, perto de Soissons. Diz ele:

Minha árvore é a melhor tina possível; não há uma folha que não comunique a saúde... Não é necessário que eu toque em todos: um olhar, um gesto e minha vontade bastam.^[15]

Segundo ele, o magnetismo animal “*existe porque ele existe*, após vinte anos eu nada mais aprendi”.^[16] E Deleuze, o discípulo mais notável de Puységur, também considera as árvores magnetizadas como preferíveis à tina. Aconselha empregar, caso necessário, primeiramente o magnetismo *em grandes correntes* pelos passes, e uma vez bem estabelecida a conexão entre o magnetizador e o paciente, ele considera inútil o toque.^[17] Seu método é uma combinação do procedimento *físico com a vontade externa*.

Os espiritualistas acreditavam que todos os fenômenos do sonambulismo são produzidos pela alma do magnetizador e que a ação física é quase inútil: eles agiam pelo pensamento, pela prece e pela intenção do magnetizador.

Os procedimentos empregados por Faria para provocar o sono lúcido são três: a) Seu primeiro método é totalmente diferente daquele dos seus contemporâneos. Depois de ter escolhido pacientes com as disposições necessárias, ele os coloca comodamente sentados, diz-lhes para *fechar os olhos*, concentrar sua atenção e para pensar no sono. Quando estão tranquilos e esperam a ordem, Faria diz: “Dormi”, e eles caem no sono lúcido. Se a primeira tentativa não der certo, ele submete a pessoa a uma segunda prova, e algumas vezes, até, a

[15] *Op. cit., Mémoires*, vol. I, p. 33.

[16] *Op. cit., Du magnétisme animal*, 2ª ed., p. XVII.

[17] *Op. cit.*, vol. I, p. 164. Todas as citações de DELEUZE são da edição de 1813.

uma terceira; após esta última, ele a declara incapaz de entrar no sono lúcido. Esse procedimento é inteiramente sugestivo e *psíquico*. É o sono por sugestão, é, segundo o doutor Berneim, a imagem do sono que é sugerida, que é insinuada no cérebro do paciente. Não há nenhuma dúvida de que Faria seja seu fundador como *método*. É o primeiro a confessar que “sabemos que em todas as épocas, as crianças nas escolas, os soldados em suas casernas, os marinheiros em suas embarcações arrancaram confissões de seus colegas ou tocando uma parte qualquer de seu corpo ou lhes dirigindo simplesmente a *palavra*”. Porém, antes dele, ninguém havia praticado esse método para provocar o sono lúcido.

Alguns escritores, sobretudo na Inglaterra, que não conheciam a obra de Faria, atribuem a descoberta desse procedimento a Braid. Para demonstrar que Braid não é seu fundador, basta ler o que ele próprio diz a respeito do seu método:

Alegou-se, por exemplo, que meu modo de hipnotismo não era novo; que eu havia cometido plágio, usurpando-me da teoria e da prática de Bertrand e do abade Faria. Se bem compreendi as ideias de Bertrand que, segundo a opinião de Colquhoun “são bens difíceis de compreender”, ele adere apenas “à teoria da imaginação” (*Introdução* de Colquhoun, página 94). No quarto volume da *Encyclopédie de médecine pratique*, página 34, o doutor Prichard diz de Bertrand: “ele conclui, enfim, que todos os resultados dessas operações são produzidos pela influência do espírito”; ou seja, pela influência da imaginação dos enfermos agindo sobre eles mesmos. Bertrand vê, ainda, a confirmação de sua ideia no modo pelo qual o abade Faria magnetizava. Eis seu modo de operação: “Ele colocava seu paciente em uma poltrona, dizendo-lhe para fechar os olhos e para se recolher; depois, com voz forte e imperiosa, pronunciava, de repente, a palavra: ‘Dormi’ que geralmente produzia no indivíduo uma impressão bastante forte para ocasionar-lhe um leve choque, calor, transpiração e, *algumas vezes*, sonambulismo”. Se ele tivesse obtido êxito com esse método tão regularmente quanto eu, usaria

ele o corretivo “algumas vezes”. Lê-se ainda: “Se a primeira tentativa fracassasse, ele repetia a experiência uma segunda, uma terceira, e até uma quarta vez, após a qual ele declarava que o indivíduo era incapaz de entrar em sono lúcido”. É duvidoso que o sucesso do abade Faria tenha sido o que ele diz; entretanto, segundo Bertrand, é incontestável que o abade “havia conseguido muitas vezes”. Não está aí uma prova de que seu sucesso não era tão constante quanto o meu? E quem não veria, percorrendo minhas instruções para o hipnotismo, que nossos métodos são muito diferentes?”^[18]

O método de Braid é o seguinte:

Pegai, diz ele, qualquer objeto brilhante (emprego, habitualmente meu porta-lanceta) entre o polegar, o indicador e o médio da mão esquerda, mantenha-o à distância de 25 a 45 cm dos olhos, em uma posição tal, acima da testa, que o maior esforço seja necessário do lado dos olhos e das pálpebras para que o indivíduo olhe fixamente o objeto. É preciso que o paciente entenda que precisa constantemente manter a ideia fixa nesse único objeto. Observar-se-á que... as pálpebras se fecharão voluntariamente com um movimento vibratório e o paciente cairá em sono nervoso.

Deduz-se, evidentemente, dessas duas citações que o método de Braid, em 1843, era psicossensorial e que ele não ignorava o método psíquico ou sugestivo. Se ele acabou, mais tarde, por abandonar seu procedimento e por adotar o de Faria, não se pode dizer que ele tenha sido seu instigador. Faria é, sem nenhuma contestação, o primeiro e o único fundador de seu primeiro método. A cada um seu mérito.

Para fazer *cessar* o sono lúcido ou para desipnotizar, Faria empregava também a ordem ou a sugestão verbal; ele dizia “Acordai” e o sonâmbulo acordava. Em certos casos, ele usava também “gestos” ou passava a mão diante dos olhos das

[18] *Neurypnologie: Traité du somnambulisme nerveux ou hypnotisme [Neuripnologia: Tratado sobre o sonambulismo nervoso ou hipnotismo]* de JAMES BRAID, traduzido (sobre a edição de 1843) pelo doutor JULES SIMON, Paris, 1833, pp. 15 e 33. O original é a edição inglesa, pp. 6 e 27.

pessoas quer queria despertar.

b) Quando os pacientes são refratários ao seu primeiro procedimento, Faria mostra-lhes, a alguma distância, sua mão aberta e lhes ordena de *olhá-la* fixamente; aproxima-a gradualmente, a alguns dedos de distância, de seus olhos, e os pacientes fecham os olhos e caem em sono lúcido. Tal procedimento é semelhante do de Braid, com a diferença de que Faria, para fixar o olhar, mostra sua mão e Braid seu portallanceta ou qualquer objeto brilhante. Nesse procedimento, o elemento psíquico é combinado com o elemento sensorial, e é indiferente mostrar a mão ou um objeto brilhante: o ponto essencial é fixar o olhar. “Não se sabe, diz Faria, de quais meios se serviam os antigos para provocar o sono lúcido. Se considerarmos a fábula do centauro Quíron como uma alegoria que traça engenhosamente o método de adormecer, parece que todos os procedimentos se limitavam apenas à apresentação da mão”. Vemos que esse procedimento, em sua essência, é muito antigo.

c) Se os dois procedimentos anteriores não produziam os efeitos desejados:

Toco ligeiramente, diz Faria, as pessoas aptas, no topo da cabeça, nos dois lados da testa, no nariz sobre a descida do osso frontal, no diafragma, no coração, nos dois joelhos e nos dois pés. A experiência demonstrou-me que uma leve pressão nessas partes... sempre provoca uma concentração suficiente para a abstração dos sentidos... Presionadas sucessivamente nessas partes... elas não podem impedir de sentir uma sensação de estreitamento.

Demonstramos que Faria não admitia o fluido magnético e, contudo, para ele, não havia *passes* ou a transmissão do fluido de uma pessoa a outra. Para ele, os três procedimentos, e até os outros, como as mencionadas árvores magnetizadas, operam apenas por *sugestão*. Ele pergunta:

Qual virtude têm, pois, os toques, a apresentação das mãos e as fricções, com os quais os concentradores adormecem seus eoptas?.

E responde:

O sono que se desenvolve nos epoptas diante da apresentação da mão de seus concentradores é também apenas um efeito de sua concentração ocasional. À visão dessa ação, *os epoptas veem o que se exige* deles e se prestam imediatamente para satisfazê-lo, e *por vezes até, contra sua vontade*, em razão da força da convicção íntima.

E confirma suas ideias com a seguinte observação:

Colocamos os epoptas sob árvores dizendo-lhes que haviam sido tocadas ou magnetizadas, sem que tivessem sido, e os epoptas adormeceram; e os colocamos sob outras que haviam sido tocadas, sem lhes prevenir, e eles não sentiram o mais leve sintoma de sono.

Faria tinha razão de estar orgulhoso do seu primeiro procedimento, mas faz prova de um espírito realmente filosófico quando diz:

Provaremos que não há nenhum modo preciso e determinado de produzir os efeitos do sono lúcido e o alívio ou mesmo a cura de males provenientes de qualquer outra fonte que não seja a ação externa, e que é preciso, em tudo, se acomodar às prevenções da pessoa que se dedica à concentração, que é a única causa imediata suscetível a provocar os efeitos desejados segundo as disposições requeridas.

3. Sintomas

Segundo Deleuze, os efeitos físicos produzidos pelo magnetismo são resumidos da seguinte maneira:^[19]

O sonâmbulo tem os olhos fechados e não vê pelos olhos, não ouve pelos ouvidos: mas vê e ouve melhor do que o homem acordado.

Não vê e não ouve aqueles com os quais está em contato. Não vê senão o que olha e olha ordinariamente apenas os objetos para os quais sua atenção é dirigida.

[19] *Op. cit.*, p. 175.